

## Coisas da Política

# Como a esquerda fez a Constituição (I)

Ricardo Noblat

**C**ertamente sem a isenção que só o tempo fornece mas obrigado pelo vezo profissional a desafiar o tempo, empreende-se aqui e agora, ressalvados os limites da competência do autor, a tentativa de explicar como uma circumspecta assembléia de 559 cidadãos, a maioria deles de origem conservadora, elaborou uma das constituições mais audaciosas do mundo. Quase uma Constituição de esquerda, que está sendo arrematada em Brasília é o encanto das esquerdas de quase todos os matizes e a decepção confessada e assumida dos que se dizem situados, politicamente, do centro para a direita do chamado arco ideológico da sociedade — se é que essa história de arco quer dizer alguma coisa. “A guerra da Constituinte foi ganha pelas esquerdas”, decretou o deputado Carlos Sant’Anna.

O presidente José Sarney não chegou a tanto — mas até ouvir o discurso do deputado Ulysses Guimarães em resposta ao alarmante discurso que fizera em cadeia nacional de rádio e tv, ele se ocupou em bater de maneira dura no que vinha sendo escrito a menos de 300 metros do seu austero e solene gabinete de trabalho. Sant’Anna vem a ser o líder do governo na Câmara Federal. Em algumas ocasiões, votou com as esquerdas.

É tão responsável quanto elas, quanto o próprio governo pelo método adotado para a confecção da nova Constituição. O exame do método, com todas as consequências que produziu, ajuda a esclarecer, pelo menos em grande parte, porque uma reunião de homens, em tese refratários a mudanças de porte respeitável, pariu um documento, verdadeiramente, inovador. Aqui não se discutirá, dessa vez, o mérito das inovações propostas.

A Constituição partiu do zero, do nada. Tivesse partido de algum ante-projeto esboçado por um grupo de constituintes, e a composição de tal grupo refletiria a composição ideológica da assembléia — no caso, teria sido, justamente, favorecida a maioria conservadora que ela abriga. O ante-projeto de Constituição, assim, sairia mais de acordo com o paladar conservador. Ou de centro, com queiram.

Mas não. Os constituintes preferiram desprezar qualquer sugestão de ante-projeto. Dividiram-se em 24 subcomissões, cada uma encarregada de rascunhar um título ou um conjunto de títulos da futura Constituição. As subcomissões decidiram parte do seu tempo a colecionar palpites e



idéias de artigos oferecidos pela chamada “sociedade civil” — e foi aí que os conservadores começaram a perder a guerra.

Convencinhou-se que a “sociedade civil” é o conjunto de entidades e de organismos controlados, em sua maioria, por partidos e facções de esquerda. A direita e o centro controlam organismos patronais — salvo uma entidade ou outra como a UDR, por exemplo. A direita e o centro estavam mal acostumados pelos 22 anos de autoritarismo vividos pelo país, quando não precisaram ir à luta para conseguir o que queriam.

No caso específico da direita, ela ainda não se curou da síndrome da vergonha de se exibir como tal. Apresenta-se com de centro — se muito provocada, até mesmo de centro-esquerda. Na fase das subcomissões, as esquerdas tomaram conta do palco da Constituinte. Mobilizaram todo o seu poder de fogo — e ao cabo, tinham enxertado muito do que queriam nos relatórios que emergiram das subcomissões.

As comissões, que sucederam às subcomissões, foram obrigadas, por artes do regimento da assembléia, a não se afastar muito da matriz do trabalho já iniciado. De resto, ele também já pendera para a esquerda por conta do esperto truque aplicado pelo senador Mário Covas, líder do PMDB, no deputado José Lourenço, líder do PFL. Covas deu de presente ao PFL, e aos conservadores, o direito de indicar os presidentes das subcomissões.

Em troca, ficou com o direito de indicar os relatores. Indicou relatores de centro-esquerda para lá — alguns bem para lá. Ao contrário dos presidentes das subcomissões, os relatores tiveram lugar cativo na Comissão de Sistematização — o funil que deu passagem, em sua forma quase definitiva, à Constituição que se está votando. As esquerdas bailaram com um raro virtuosismo na Comissão de Sistematização.

O perfil da comissão ajudou a que se formasse, ali, uma maioria de centro-esquerda. Um governo que só pensava em ganhar as batalhas do presidencialismo e do mandato de cinco anos, ajudou no comportamento desenvolto dessa maioria. O “Centrão” foi uma invenção das entidades empresariais desesperadas com os rumos tomados pela Constituinte — mas a invenção nasceu tarde. E nasceu fraca.

Serviu, de todo modo, para exorcizar qualquer risco de intervenção militar porque a direita acreditou na ficção da maioria reunida pelo “Centrão” para alterar o regimento interno da Constituinte. Como se veria depois, era limitado o espaço do “Centrão” — como limitado é o que por ora se apresenta para dissertarmos sobre a exemplar história de uma Constituinte conservadora que redigiu uma Constituição à esquerda. Continuaremos amanhã.